

Estudo mostra que petista depende do apoio de Rossi

Candidato do PT precisa ter boa votação em São Paulo para garantir 2.º turno, diz cientista

ELIANE AZEVEDO

RIO – O apoio explícito do candidato do PDT ao governo de São Paulo, Francisco Rossi, à campanha do petista Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência, pode ser fundamental para que haja segundo turno. Estudo feito pelo cientista político César Romero Jacob, do Departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio, aponta que, tanto em 1989 como em 1994, a votação média de Lula em São Paulo – Estado que representa um quarto do eleitorado brasileiro – espelhou sua média nacional de votos.

Em 1989, o candidato petista teve, no primeiro turno, 17,46% de votos em São Paulo e 17,19% em todo o País. O quadro repetiu-se em 1994: 27,01% em São Paulo e 27,05% no Brasil. Hoje, segundo o Ibope, Lula teria no Estado 24%, ante 45% de Fernando Henrique

Cardoso. “A possibilidade de uma redefinição de alianças em São Paulo, que poderia incluir a desistência da deputada Marta Suplicy (PT) em favor do Rossi, é a grande discussão neste momento”, diz Jacob, que fez os cálculos a partir da base de dados montada para o *Atlas Eleitoral Brasileiro*, publicado em 1997 por ele e mais três pesquisadores.

Apesar das pressões do presidente nacional do PDT e candidato a vice-presidente, Leonel Brizola, Rossi, que lidera as pesquisas, não tem demonstrado disposição em ceder espaço para Lula em seu palanque, com o argumento de que o PT tem candidato próprio. A independência mantida pelo ex-prefeito em relação ao seu partido torna a negociação difícil. Nas eleições de 1994, enquanto Rossi foi disputar o segundo turno para governador com Mário Covas (PSDB), Brizola, candidato a presidente, não passou de pi-

fios 0,4% de votos no Estado. “Resta saber se o Rossi é um bom eleitor de Lula, já que não foi de Brizola”, analisa Jacob.

A comparação entre o desempenho de Lula no primeiro turno de 1989 e em 1994 (segundo o pesquisador, não é correto usar os dados do segundo turno, em função da transferência de votos dos outros candidatos) pode, porém, trazer alento para a campanha da frente de oposição. Apesar da derrota acachapante no primeiro turno em 1994, de uma eleição para outra o petista aumentou seu número de votos em praticamente todos os Estados, em termos absolutos, percentuais e também na média. No Rio Grande do Sul, por exemplo, um importante colégio eleitoral, o petista quintuplicou sua votação. No Rio de Janeiro e no Paraná, dobrou.

Lula só perdeu votos no Rio Grande do Norte e em Minas – estatisticamente, apenas em Minas

pode-se considerar uma queda efetiva de 1,2% de votos. No Rio Grande do Norte, a perda foi de 0,2%. “Lula cresceu de forma consistente tanto nas médias estaduais e nas capitais como nos pontos

máximos e mínimos por município”, afirma.

Na análise de Jacob, a conjuntura era mais desfavorável a Lula em 1994 do que agora. Fernando Henrique tinha a seu lado um presidente, Itamar Franco, com índices de popularidade perto de 80%. O Plano Real era sucesso e o intelectual social-democrata conseguiu montar uma forte aliança de centro-direita, que garantiu votos em locais em que o PSDB era desconhecido. “Hoje, o presidente não tem 80% de aprovação, o Plano Real apresentou um custo social e a base de sustentação do governo não é coesa”, avalia.

Jacob parte da premissa de que, se em circunstâncias desfavoráveis a ele, Lula aumentou sua votação, hoje a curva eleitoral do PT continuaria ascendente. “Há a hipótese de que Fernando Henrique ganhe, perdendo votos em relação a 94, e Lula perca com mais votos do que antes”, projeta.

CONJUNTURA
É MAIS
FAVORÁVEL DO
QUE EM 94